



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

como estratégia de “desenvolvimento” incentivada pelos militares no período pós-golpe que instalou a ditadura no país (1965-2000).

Esse modelo de desenvolvimento regional baseado em grandes projetos imposto por um regime autoritário, acabou por trazer graves consequências para a Amazônia e seu povo. As principais distorções são hoje bastante óbvias, mas o cerceamento da liberdade de expressão, a repressão e o sistemático assassinato de lideranças populares impediram que fossem denunciadas e combatidas na época. Atualmente, o problema mais em evidência produzido diretamente por tal modelo imposto pelo regime militar é o da degradação ambiental em processo acelerado. Segundo os mais conservadores levantamentos, aproximadamente 10% da cobertura vegetal da região foram destruídos irremediavelmente nos últimos 20 anos. (SOUZA, 2001, p.212)

Então será que é porque “falar, portanto, que o destino da Amazônia é a regressão ao extrativismo, mesmo a um extrativismo edílico, socializado e místico, é mais uma vez atropelar a Amazônia”. (SOUZA, 2001, p. 225), que a era da florestania só perdurou enquanto era parte do discurso oficial, das narrativas jornalísticas? Se o projeto político seguinte não tinha nessa ideia o cerne do seu governo, tudo não passou de falácia? De algo que não se sustentou?

Ao buscar uma possível resposta nas leituras deparei-me com a assertiva de que “Nesse jogo de poder, o colonizado, muitas vezes, acaba negando tudo que lhe constitui como tal e passa a endeusar a cultura do colonizador”. (ROCHA, 2012, p. 63).

Discorrer sobre o assunto sem mencionar Chico Mendes, poderia ser considerado uma negligência, visto que ele figura nos discursos oficiais como o líder seringueiro inspirador dos ideais da florestania. De um floresta em pé, onde suas populações poderiam tirar dela seus sustento e resistir bravamente – como resistiram os “heróis da revolução” a invasão dos “estrangeiros” que dessa vez vinham do Sul do país para assacar os recursos naturais ou destruir a floresta para implantar nela a pecuária. Não sucumbir ao capital era o lema da resistência seringueira.

Chico Mendes, meditando sobre o caráter desta sociedade, especialmente sobre a decadência da propriedade extrativista, desenvolveu as primeiras ideias sobre o projeto tático das reservas extrativistas. Era uma forma de mobilizar os seringueiros para a defesa da propriedade extrativista, já que os proprietários estavam enfraquecidos, postos à margem pelo modelo econômico agropecuário e especulador. (SOUZA, 2001, p. 224)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Chico Mendes não estava fazendo nenhum tipo de apologia restauradora de uma página negra da história regional ao propor a luta pela transformação dos seringais acreanos em reservas. Ele sabia que tais reservas eram soluções muito localizadas, que não respondiam sequer ao problema do Acre, quanto mais de uma área continental, diversificada como a Amazônia brasileira. Tratava-se como era de se esperar, de um objeto tático, que visava barrar a invasão da economia especulativa e promover um alerta contra a destruição de uma região cujos recursos biológicos sequer estão plenamente conhecidos. (SOUZA, 2001, p. 225)

Afinando as reflexões do autor com a crítica que se quer fazer sobre a discussão em monta, acredito que é possível comprovar com o amadurecimento do estudo e a coleta posterior dos dados que o modelo propagandeado pelo governo da floresta não se sustentou nem no discurso e nem na economia.

É possível linkar que então a ideia do governo recém instalado era reafirmar ou reinventar uma imagem já inventada pelo próprio Brasil “que propôs para ela sua própria imagem. Os moradores da Amazônia sempre se espantam ao ver que, talvez para melhor vendê-la e explorá-la, ainda apresentam sua região como habitada essencialmente por tribos indígenas, enquanto lá existem, há muito tempo, cidades, uma verdadeira vida urbana (...)” (SOUZA, 2001, p 226)

O mesmo autor lembra bem que é a população urbana que decide a vida política, que vota e protagoniza “o jogo das forças democráticas”. Por isso o investimento em um efusivo e persuasivo discurso por meio dos jornais.

Explicar como esse fato se deu e se os jornais impressos foram instrumentos influenciadores de tal processo é o objeto de estudo da minha pesquisa.

No Acre contemporâneo os jornais impressos podem ter se apresentado como indispensáveis ferramentas para a difusão de um novo conceito traduzido pela resignificação do vocábulo “cidadania” para “florestania”. Uma palavra até então inexistente, posta como neologismo e até hoje não reconhecida pela ortografia oficial e tampouco pelos dicionários de Língua Portuguesa em uso.

Motivada pela hipótese que levanto, meu trabalho se propõe a realizar através desta pesquisa, contribuição para os estudos da formação da Linguagem e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

como o Jornalismo e sua relação com a Literatura podem refletir as diferentes concepções de vida de um povo e de uma época e sua cultura e identidade.

O recorte a que se pretende dedicar a análise remete às edições impressas de dois dos jornais que circulam diariamente no estado: A Gazeta e Página 20, trabalho ainda não realizado, motivo pela qual não foi possível ainda confrontar a hipótese.

O que se pode dizer com base nas leituras é que por seu poder de irradiação, a imprensa, sempre foi utilizada como instrumento de homogeneização de ideias de grupos ou segmentos sociais, quanto para silenciar vozes dissonantes e até então, as forças políticas dominantes no Acre, eram caracterizadas pelos partidos de direita, como o PMDB, o PSDB e o PDS – atual PP.

Nesse contexto, a posse de Jorge Viana foi o marco para a chegada dos partidos de esquerda ao centro do poder político local. Assim, precisava-se romper com as imagens formadas no imaginário da população sobre o que era o governo do Estado e sobre quem era essa população que aqui habitava e mais do que isso precisava-se fazer algo novo, diferente não apenas no modo de governar, mas no modo e se comunicar com a sociedade fato que caracteriza a mudança simbólica do poder. Era preciso criar um discurso para legitimar o novo que se estabelecia, como também era preciso se desestabilizar o discurso que fora estabelecido por um novo, como demarcador de poder.

A ocupação dos espaços nos jornais de circulação diária passa, então, a ser uma ação estratégica da administração que precisava se consolidar não apenas através da recuperação da máquina administrativa do estado, da reconstituição das finanças e da execução de obras públicas, mas principalmente através do convencimento do público que tratava-se de uma força política forjada nas lutas dos povos da floresta e que tinha como objetivo transmitir a população acreana em todo o seu conjunto este sentimento de acreanidade de uma população que vive em cidades localizadas no interior da mais densa e rica floresta do mundo – a Amazônia.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Em seus discursos políticos, os dirigentes políticos “nomeiam” nação. [...] os políticos que tomam a palavra, que escrevem nos jornais nacionalistas, fazem o povo sonhar. [...] “reflitam antes de falar às massas, elas se inflamam rapidamente”. [...]

Quando o dirigente político convida o povo para um comício, pode-se dizer que há sangue no ar. Entretanto, o dirigente, muitas vezes, se preocupa principalmente em “mostrar sus forças. (FANON, 2005, p.86)

Ora, como não tocar no imaginário de um povo, se não provocando seus sonhos? Somando-se a isso seus valores culturais? Ou por que a cultura não estaria ou poderia ser usada, quiçá manipulada a serviço dos interesses do Estado?

A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal o coletivo escondido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do Estado. (EAGLETON, 2005, p. 16-17)

A cultura exige certas condições sociais, e já que essas condições podem envolver o Estado, pode ser que ela também tenha uma dimensão política. A cultura vai de mãos dadas com o intercurso social; (...) (EAGLETON, 2005, p 17)

O que pretendo, portanto, é contribuir para elucidar como essa interface fez com que o vocábulo florestania, um termo que remete a floresta, fosse adotado como tradutor de uma identidade cultural e linguística e o porque de sua ausência nos jornais e mesmo no vocabulário nos dias de hoje. A escolha de se trabalhar com jornais parte da minha experiência no campo jornalístico e por uma visão crítica desenvolvida a partir de atuação profissional sobre temas referentes a divulgação e difusão de conceitos e como eles podem influenciar o cotidiano de leitores e não leitores.

Vejamos que os processos e as motivações de arquitetados sistemas de difusão ideológica sempre tiveram nas narrativas grandes aliados para sua propagação é estabelecimento de poder.

Como a sociedade vive em constante transformação cultural, política e social, portanto o sucesso desse trabalho dar-se-á se for possível afirmar, após sua conclusão, que a cultura acreana e sua identidade é um processo em construção, e em constante mudança, que decorre das vivências próprias da sociedade, são elas que redefinem a leitura de mundo e não apenas a difusão da ideia de quem detém o poder, compreendendo as relações entre a predominância literária e o contexto



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental

VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

político, social e histórico do momento e levantando as motivações que levaram ao “desuso” do termo florestania.

A indicação do problema a ser investigado tem sua gênese no fenômeno que levou a adoção do termo florestania pelos moradores do estado até então vilipendiado em sua identificação, como já dito. Mas e o que ocorreu depois?

A hipótese é a de que os jornais impressos *A Gazeta* e *Página 20* serviram como instrumentos estratégicos de difusão de conceitos que relacionam a identidade da sociedade acreana ao status político vigente, com a ascensão de um engenheiro florestal ao Governo do Estado, ancorado nos partidos de esquerda que assumiam uma clara determinação em romper com os conceitos impregnados no senso comum até então, traduzidos no termo florestania, criado pelo então governo da floresta. Neste sentido, foram então esses instrumentos, objetos táticos para contribuir na consolidação de um novo governo, com novas práticas novas ideias, novos propósitos para o desenvolvimento econômico que não mais teria sua base florestal

Daí a questão, porque a construção de um termo novo? Prá quê serviu florestania? Em que simbolismos se ancorou? Seria para obter um consenso em torno de um projeto político que pretendia se consolidar e continuar no Poder? Teria dado certo a estratégia de utilizar os jornais influenciando seu discurso literário para um discurso parcial eivado de ressignificações? Teria o termo florestania permanecido no vocabulário popular? Mesmo estando no Poder as mesmas forças políticas, nos dias atuais, existe no termo a mesma força de outrora? Por que?

Neste item, cito o que Pizarro escreveu sobre os paradoxos discursivos:

Os discursos posteriores continuam se localizando no verso das dualidades utopia e fracasso, encantamento e ilusão, inferno e paraíso, deslumbramento e horror; hoje também evidente através das vozes dos novos sujeitos sociais, que falam por si mesmos (...) (PIZARRO, 2013, p. 164)

Sob os diversos questionamentos de como foi implantado e o porque da ausência de tais conceitos no momento atual ou seja, o que levou à construção de tal discurso e o porque do seu abandono. Indagações possíveis que poderão



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

contribuir com a compreensão do como se constrói e desconstrói conceitos frente a interesses e ou tomadas de decisão articulada supostamente ao poder de governos, governantes, imprensa e sociedade. Quem determina e o que determinado? Como se determina algo e quais intenções atendem e quem poderá contestar ou não tais intenções?

No que se refere às narrativas, na construção da acrianidade e dessa identidade do "ser acriano", dois jornais impressos, veiculados em períodos diferentes no Acre, podem ter tido papel primordial na produção de um "jeito acreano" de ser e de pensar de que somos todos descendentes de índios e seringueiros e provenientes da vida no seringal. Assim, a acrianidade, enquanto construção e valorização dos aspectos históricos e culturais do Acre, seria o culto do sentimento de pertencimento do povo acreano ao território do Acre, gestado em uma "sociedade florestal".

Como se sabe, as palavras usadas trazem em si componentes que evidenciam a cultura como também a identidade de quem as pronuncia.

Dessa forma, como nos alerta Le Goff "a memória, de onde nasce à história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro". Devemos, então, trabalhar de "forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens" (LE GOFF, 2003, p. 477)

Considerações finais

A sobreposição das transparências entre as leituras propostas e a hipótese que levanto revelou importantes pontos de intersecção entre as práticas colonialistas, as narrativas históricas e a práxis discursiva observada nos governos recentes do Acre.

As leituras propostas no decorrer da disciplina contribuíram para que fosse possível estabelecer um olhar ao passado e assim conectar a ideia à contemporaneidade, ancorando que desde os tempos mais remotos, se pretende



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

resinificar as coisas, identificar, dar sentidos, como forma de denominar para dominar.

Depois de ter passado por um período marcado por radicais mudanças capitaneadas, essencialmente pela política de abertura da Amazônia ao capital, nas décadas de 80 e 90, o Acre, especialmente, viveu em dias mais recentes a ascensão ao poder um governo que, subliminarmente, operou com práticas colonialistas a implantação, na sociedade, de ideias e conceitos que visaram ideologizar de forma única a linguagem, valores, sonhos, imaginário de auto estima e identidade cultural.

Da mesma forma, pode ter procedido o governo atual ao romper com toda a lógica implantada nos tempos do governo da floresta. Parece ter sido trilhado um caminho completamente oposto, inverso, que promoveu a ruptura e o rompimento não apenas com o uso dos termos “florestania” e “governo da floresta” mas também com as ideias inspiradoras para a promoção de uma economia da base florestal.

De forma intrigante para a pesquisa que estou me propondo a realizar, as leituras trazidas ao meu conhecimento durante a disciplina: Linguagem, Sociedade e Diversidade Amazônica contribuíram para a tomada de um outro olhar ainda mais instigante sobre os propósitos da hipótese que levanto pois a ideia de colonizar pode ser ainda mais perversa do que a ideia de firmar um grupo político no poder pela prática de um discurso que dialogasse com a população por meio da evocação de símbolos históricos, de fatos que foram narrados como forma de criar um elevado senso de valorização do ser acreano, de requalificar sua identidade, sua história, sua linguagem.

Como exposto inicialmente, a proposta aqui não era encerrar o debate ou concluir com uma resposta de afirmação ou negação da hipótese, mas tão somente recortar o que nos textos, trazidos pelos autores em uma breve revisão bibliográfica poderia ser apensado como assertivas que colaborassem, ou reforçassem ou que pudessem contribuir no entendimento dos objetivos apresentados.

A pretensão da narrativa acadêmica, a meu ver, não poder se nivelar a pretensão da narrativa dos que assumem o Estado. Seria o que aconteceria se



x Simpósio Linguagens e Identidades da/ná Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

tentássemos, por meio de estudos e teorias, apenas sobrepôr um discurso ao outro, desqualificando as ações empregadas com o propósito claramente publicado de homogeneizar o pensamento, atribuindo sentidos e desejos de que, de forma até fantasiosa talvez, tenha estabelecido um link com os anseios de uma população que sempre foi vilipendiada em sua identificação territorial.

O papel do trabalho acadêmico, seja talvez, em minha modesta visão, o de tentar compreender as mutações sociais e porque a sociedade é tão diversa em linguagens e atribuição de valores às coisas.

"Entretanto, para além do incômodo implicado no exercício da vida cotidiana, ainda inteiramente impregnada pela língua do colonizador, não se decide por decreto o modo de falar de uma nação". (MEMMI, 2007, p.60). Creio poder ser essa uma das respostas para a hipótese proposta.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Diniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2012.

BATISTA, Djalma. **Amazônia: cultura e sociedade**. 3ª edição. Manaus: Valer, 2006.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, 2000b.

EAGLETON, Terry. **"Versões de Cultura"**. In: *A Ideia de Cultura*. Trad. Sandra Castelo Branco. São Paulo. Editora da UNESP, 2005.

FANON, Frantz. **"Sobre a violência"**. In: *Os condenados da Terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora da UFRJ, 2005.

HARDMAN, Francisco Foot. **"Euclides, a Amazônia e o infinito, pp 23-80"**. In _____, F.F. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LE GOFF, Jacques. **"O deserto-floresta no Ocidente Medieval"**, pp. 37/53. In LE GOFF, J. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1989.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

MEMMI, Albert. **Retrato do descolonizado árabe-mulçumano e de alguns outros.** Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio.** Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Microfísicas do Imperialismo: a Amazônia rondoniense e acreana em quatro relatos de viagem.** Curitiba: Editora CRV, 2012.

SOUZA, Márcio. **A expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo.** São Paulo: Alfa – Ômega, 1977.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de Bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI/XVII.** Manaus. Valer, 2009.